

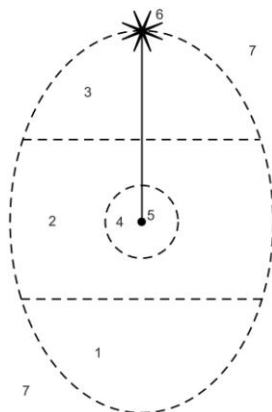
Texto adaptado do capítulo I de: ASSAGIOLI, Roberto. *Psychosynthesis*.
New York: Viking, 1965. Edição brasileira: *Psicossíntese*. São Paulo: Cultrix, 2013.

A Constituição Psicológica do Ser Humano

Por Roberto Assagioli

Para ilustrar a constituição do ser humano em sua realidade viva e concreta, o seguinte diagrama pode ser útil. É, naturalmente, um desenho grosseiro e elementar, que pode fornecer uma representação apenas estrutural, estática, quase “anatômica” de nossa constituição interna, enquanto deixa de fora o seu aspecto dinâmico, que é o mais importante e essencial. Mas aqui, como em toda ciência, passos graduais devem ser dados e aproximações progressivas devem ser feitas. Quando se lida com uma realidade tão plástica e esquiva como a nossa vida psicológica, é importante não perder de vista as linhas principais e as diferenças fundamentais; caso contrário, a multiplicidade de detalhes pode obscurecer o quadro como um todo e impedir que compreendamos o respectivo significado, propósito e valor de suas diferentes partes.

Com essas reservas e restrições, o mapa é o como segue:



1. O Inconsciente Inferior
2. O Inconsciente Médio
3. O Inconsciente Superior ou Supraconsciente
4. O Campo da Consciência
5. O Eu Consciente
6. O Eu Superior
7. O Inconsciente Coletivo

1. O Inconsciente Inferior

Este contém, ou é a origem de:

- a. As atividades psicológicas elementares que dirigem a vida do corpo; a coordenação inteligente das funções corporais.
- b. Os instintos fundamentais e os impulsos primitivos.

- c. Muitos complexos, carregados de intensa emoção.
- d. Sonhos e imaginações de um tipo inferior.
- e. Processos parapsicológicos inferiores e descontrolados.
- f. Várias manifestações patológicas, tais como fobias, obsessões, impulsos compulsivos e ilusões paranoides.

2. O Inconsciente Médio

Este é formado por elementos psicológicos semelhantes aos de nossa consciência de vigília e facilmente acessíveis a ela. Nesta região interna, nossas várias experiências são assimiladas, nossas atividades mentais e imaginativas comuns são elaboradas e desenvolvidas, numa espécie de gestação psicológica antes de seu nascimento à luz da consciência.

3. O Inconsciente Superior ou Supraconsciente

Desta região, recebemos nossas intuições e inspirações superiores — artísticas, filosóficas ou científicas —, “imperativos” éticos e impulsos para a ação humanitária e heroica. É a fonte dos sentimentos superiores, como o amor altruísta, do gênio e dos estados de contemplação, iluminação e êxtase. Neste reino, estão latentes as funções psíquicas superiores e as energias espirituais.

4. O Campo da Consciência

Este termo — que não é muito exato, mas é suficientemente claro e conveniente para propósitos práticos — é usado para designar aquela parte de nossa personalidade que percebemos diretamente: o incessante fluxo de sensações, imagens, pensamentos, sentimentos, desejos e impulsos que podemos observar, analisar e julgar.

5. O Eu Consciente

O eu, quer dizer, o ponto de pura autoconsciência, é frequentemente confundido com a personalidade consciente descrita acima, mas, na realidade, é muito diferente dela. Isso pode ser averiguado pelo uso de cuidadosa introspecção. Os *conteúdos* variáveis de nossa consciência (as sensações, pensamentos, sentimentos, etc.) são uma coisa, enquanto o eu, o *centro* de nossa consciência, é outra. De certo ponto de vista, essa diferença pode ser comparada à existente entre a área branca iluminada de uma tela e as várias imagens que são projetadas sobre ela.

Mas o “homem da rua” e mesmo muitas pessoas instruídas e inteligentes não se dão ao trabalho de se observarem e discriminarem; elas estão à deriva na superfície do “fluxo mental” e se identificam com suas sucessivas ondas, com os *conteúdos* variáveis de suas consciências.

6. O Eu Superior

O eu consciente está geralmente não só submerso no incessante fluxo dos *conteúdos*

psicológicos, mas parece desaparecer completamente quando adormecemos, quando desmaiamos e perdemos a consciência, quando estamos sob efeito de um anestésico ou narcótico, ou em estado de hipnose. E quando despertamos, o eu misteriosamente reaparece, não sabemos como ou de onde — um fato que, se cuidadosamente examinado, é verdadeiramente desconcertante e perturbador. Isso nos leva a assumir que o reaparecimento do eu ou ego consciente se deve à existência de um centro permanente, de um verdadeiro Eu situado além ou “acima” daquele.¹

Existem várias maneiras pelas quais a realidade do Eu pode ser averiguada. Tem havido muitos indivíduos que alcançaram, mais ou menos temporariamente, uma percepção consciente do Eu, que, para eles, tem o mesmo grau de certeza que é experimentado por um explorador que penetrou numa região antes desconhecida. Tais declarações podem ser encontradas em *Consciência Cósmica*, de Bucke, em *Tertium Organum*, de Ouspensky, em *Misticismo*, de Underhill, e em outros livros. A consciência do Eu também pode ser alcançada pelo uso de certos métodos psicológicos, entre os quais estão o “processo de individuação”, de Jung, o “sonho desperto” (*Revé éveillé*), de Desoille, as técnicas de Raja Ioga, etc.

Então, temos a corroboração de filósofos como Kant e Herbart, que fizeram uma clara distinção entre o ego empírico e o Eu real ou numênico. Este Eu está acima das correntezas do fluxo mental e não é afetado por elas nem pelas condições corporais; e o eu consciente pessoal deve ser considerado meramente como seu reflexo, sua “projeção” no campo da personalidade. No estágio atual da investigação psicológica, pouco se sabe em definitivo a respeito do Eu, mas a importância deste centro sintetizador justifica totalmente pesquisas adicionais.

7. O Inconsciente Coletivo

Os seres humanos não estão isolados, não são “mônadas sem janelas”, como Leibnitz pensava. Eles podem, às vezes, sentir-se subjetivamente isolados, mas a concepção existencialista extrema não é verdadeira, seja psicologicamente ou espiritualmente.

A linha exterior do oval do diagrama deve ser considerada como “delimitadora”, mas não como “divisora”. Deve ser considerada como análoga à membrana que delimita uma célula, que permite a troca constante e ativa com o corpo todo a que a célula pertence. Os processos de “osmose psicológica” ocorrem o tempo todo, tanto com outros seres humanos como com o ambiente psíquico geral. Este último corresponde ao que Jung chamou de “inconsciente coletivo”; mas ele não definiu claramente este termo, no qual incluiu elementos de naturezas diferentes, mesmo opostas, notadamente: estruturas arcaicas primitivas e atividades superiores, dirigidas para o futuro, de caráter supraconsciente.

O diagrama precedente ajuda-nos a reconciliar os seguintes fatos, que de início parecem contradizer-se e excluir-se mutuamente:

¹ O Eu superior não deve ser confundido, de forma alguma, com o superego freudiano, que não é um eu real, mas, de acordo com a teoria de Freud, é um construto, um produto artificial. Também é diferente de qualquer concepção “fenomenológica” do eu ou ego.

1. *A aparente dualidade*, a aparente existência de dois eus em nós. De fato, é como se existissem dois eus, porque o eu pessoal não está, em geral, consciente do outro, chegando ao ponto de negar a existência dele; enquanto que o outro, o verdadeiro Eu, é latente e não se revela diretamente à nossa consciência.
2. *A real unidade e singularidade do Eu*. Não existem realmente dois eus, duas entidades independentes e separadas. O Eu é uno; manifesta-se em diferentes graus de consciência e autorrealização. O reflexo parece ser autoexistente, mas, na realidade, não tem substancialidade autônoma. Em outras palavras, ele não é uma nova e diferente luz, mas uma projeção de sua fonte luminosa.

Essa concepção da estrutura do nosso ser inclui, coordena e organiza numa visão integral os dados obtidos através de várias observações e experiências. Oferece-nos uma compreensão mais ampla e mais abrangente do drama humano, dos conflitos e problemas que confrontam cada um de nós, e também indica os meios de resolvê-los e aponta o caminho de nossa liberação.